Perninhas nas Ancas



MARCAS *que ficam*

SÃO

MARCAS *que curam*

MISSIONÁRIA EVANGELISTA LEONICE EIGENMANN



Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de deus, que está em Jesus Cristo o nosso senhor. — ROMANOS 8: 38, 39

Copyright©2023 by Missionária Evangelista Leonice Eigenmann

Capas & Diagramação: Enoque F. Cardozo

Transcrição e Organização: Silvia Regina Cordeiro Caetano

EIGENMANN, Leonice
Perninhas nas ancas : marcas que ficam são marcas que curam / Leonice Eigenmann – 1ª ed. – São João, PE : Editorial Casa de Bonecas (ECB), 2023.
148 p.: il.

ISBN: 978-65-5480-082-2

1. Eigenmann, Leonice 2. Experiência - Relatos 3. Histórias de vida 4. Missionárias - Biografia 5. Narrativas pessoais I. Título. Literatura brasileira. EIGENMANN, Missionária Evangelista Leonice. LIVRO BRASILEIRO. I Título. FORMATO: A5 14x21

23-166412 CDD-280.4092
CDU-92

Índices para catálogo sistemático:

1. Missionárias evangélicas : Biografia e obra 280.4092

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Copyright "©" 2023. Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.
Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

31 de Julho de 2023. Escrito e produzido no Brasil.

Quero agradecer a Deus por cada vida que de todas as formas estão sendo solicitadas ao Céu para tornar na Terra esse livro, pronto no Céu... Deus tem movidos muitos nesses dias.

Ele recompensará cada um em nome de Jesus, abundantemente.

E todos terão certeza dessa recompensa, pois é Deus quem ordena a benção e surpreende com novidade de vida. Que a Paz reine em cada coração...

> ONTEM OUVI ESSA FRASE: "*Fará com que povos comprem / comam do fruto do teu coração e do pensamentos*."

Sim Senhor todos desejam ler os livros para ser benção. Assim seja em nome de Jesus.

Arrependida e agradecida, em Vida para servir o Reino.

S U M Á R I O

NOTA DO AUTOR **09**

I / Minha primeira infância 11
II / Vivendo no lar 20
III / Uma vida com a mãe depois de muitos anos sozinha 33
IV / Minha vida na capital paulista 43
V / Nova vida no interior de São Paulo 46
VI / O patrocinador e a empresária – uma vida sem valor 51
VII / Novo país, nova vida 53
VIII / Um presente especial, um presente divino 63
IX / Meu envolvimento com o ocultismo 86
X / O rei dos reis e senhor dos senhores toma o seu lugar 91
XI / O chamado, o livro 99
XII / Duas caras 102
XIII / Uma vida de missões 106
XIV / Caminhando no sagrado 121

DEDICATÓRIA I **145**
DEDICATÓRIA II **146**

MEMÓRIA DA AUTORA

Como eu não vou falar daquilo que estou cheia, além de falar eu deixo transbordar.

É para fluir mesmo!

Eu escolho Deus todos os dias.

L. Eigenmann... pedacinhos do livro.



c a p í t u l o **I**

MINHA PRIMEIRA INFÂNCIA

Chamo-me Leonice Pereira Eigenmann, nascida em novembro de 1956 na cidade de Mirassol/SP. Morei em São José do Rio Preto/SP. Saí do Brasil em 1984 permaneço fora até hoje.

A mais remota, linda e significativa lembrança que tenho é com meus 3 aninhos, foi tão forte que permaneceu intacta em meus neurônios. Vejo uma menininha, correndo desesperada, aos gritos, ao encontro de um gigante protetor, pois era isso que essa menininha tinha no coração. E erguendo os braços, o gigante a eleva ao alto do peito em um abraço protetor acalentando-a; ela tinha visto os monstros terríveis entrando pelas portas de casa, no aconchego desses braços protetores ela se acalma e vê o pai ir ao encontro desses monstros na porta e receber os foliões da 'Folia de Reis', e ela permanece grudada no papai, com o passar do tempo se acostuma com esse folclore. Vive com a família: o papai, a mamãe e dois irmãos. Era bom, era porto seguro. Começa a mudar, da casa grande e mesa farta, para um prato de farinha de mandioca com óleo, talvez um ovo no meio e todos comiam assim.

Tenho essas lembranças, em minha tenra idade, papai, mamãe e dois irmãos.

O ambiente vai se tornando cada vez mais humilde, precário, mas não tinha brigas, não tinha discussões, tinha harmonia e o gigante acolhedor inclinava a cabeça antes de comer, eu imagino hoje que era para agradecer mesmo o pouco na muita dificuldade.

A minha mamãe era silenciosa e distante afetivamente, não me recordo de afagos. Cuidava das crianças, da casa, ajudava na lavoura arrendada.

Arrendamentos que já sustentava a família, só entendi isso quando cresci, mas era minha visão, reduto familiar meu, aconchego e estava tudo bem, no meu mundinho de criança.

Mudávamos bastante para tentar novamente e as vezes retornávamos para a propriedade do nossos avós materno, isso quando as coisas pioravam. Lá era muito bom, chácara ou sítio não sei bem, mas sempre tinha frutas no pomar e comida. O meu herói bebia e jogava, não brigava com ninguém, era tranquilo e carinhoso. Corríamos e brincávamos muito. Meu pezinho estava cheinho de frieira, doía e ardia. Um dia o cachorrinho lambeu muito e a frieira sumiu, eu era pequenina, mas me recordo de um grande alívio. Pensei nisso a vida toda.

Minha avó fazia terço e antes ia nas outras propriedades com a imagem da santa dela pedir gitório (ajutório), acho que era esse nome, todos já sabia e dava um troquinho. E tinha muita gente que vinha para o terço com muito anisete para beber, era uma bebida que ela preparava. Todos os anos era assim, cumpria uma promessa. E nessas idas e vindas encontrei uma terceira pessoa que tinha uns 10 anos a mais do que eu. Só gostava de ficar no quarto da vovó e trazia 3 ou 4 crianças para ficar junto. E começava práticas ilícitas, que infelizmente naquela idade, os pequenos nem era possível identificar e recusar, mas isso dava vazão para adiante permanecer na prática hedionda e permissiva. Foi uma semente do mal e desnecessária. Essa convivência foi curta e poucas vezes. O necessário para causar danos.

A família continuava a procurar um nova empreitada para continuar. Fazendas diferente todas as vezes. Minha casa minha vida. Eu estava bem com meus pais.

Por não ter conflitos era bom, era confortável esse reduto e era saudável. Recordei tudo, buscando na memória, até dói, se tivesse continuado assim ah que bom, mesmo na falta material, me sentia protegida com meu gigante. Nossa como era bom tê-lo por perto, sei pouco dele, nasceu em um lugar baiano chamado Caculé,

hoje vejo que é um lugarejo lindo, pretendo conhecer. Mas a menininha uma vez colocada em um ombro de cavalinho no irmãozinho mais velho, o segundo irmãozinho atrás empurrando de trenzinho ai, ai, ai... despenca e bati o rostinho em uma chapa de ferro sofre um rasgo a poucos milímetros do olho esquerdo em uma grande chapa de ferro e foi um pampeiro, a mamãe se desespera para socorrer e acalmar a tropa. Todos aguardando o pai, pois hoje teria uma dura correção. Meu gigante chega e acalenta todo mundo. Comíamos pouco alimento físico, mas o amor era grande. Outra vez, esses 3 pirralhinhos foram para casa dos avôs para fugir da falta e mais uma vez essa outra pessoa mais velha, se encontra lá e a dose de deturpação se repeti... era estranho, mas a idade de defesa para pedir ajuda não tinha na consciência, mas marcas iam ficando... que maldade, que desconforto recordei e porque recordar... a memória não falha, cada pessoa tem uma. Essa fase não era agradável, mas estava ali e permaneceu... no arquivo. Pureza da inocência sendo manchada, roubada e abrindo portas para o pior. Uma menininha, linda, vivaz, tranquila, e amada pelo gigante. Onde estava nesses momentos do mal? Trabalhando tentando dar o melhor que podia para seus três tesouros e a esposa junto (nunca foram casados legalmente), essas novidades, só vem muitos anos depois.

Todas as vezes que tinha frango era uma brincadeira inesquecível o pai fazia o joguinho de pegar aquele ossinho de duas pontas do peito e dois de nós cinco tínhamos que puxar e ver quem vencia. E era muito divertido e com muita risada as brincadeiras eram inúmeras nos redores das colônias com tantas crianças, não tinham brigas, eram muitas diversões e correrias até a casa se fechar para ter banho em bacias grande de alumínio, com água esquentada na chaleira em fogão de lenha, claro e o socorro vinha do pé de amora no quintal que produzia quilos e quilos e dos açudes, com muito bagre, tilápia, lambari, açude que um dia tragou o meu gigante, bem, me falaram isso, em fase adulta já. Nos

terreiros a criançada sempre na diversão e obediência. A casa sem móveis, além de cama e de cavacos de pau, mesa também, um guarda comida de cozinha, sempre limpinho, chão de barro batido, portas e janelas com tramela, água puxada com carril, pura e fresca, nada de filtro. Incrível como tudo vem a memória, mesmo da tenra idade, que generosidade da consciência. Não consigo parar, me faz bem esse processo de voltar a memória e ver como se desprender de dores, com lágrimas que rolam fluindo das mais remotas profundezas de um serzinho ferido no decorrer dos anos, aquela menininha nem podia imaginar tudo que ia viver na vidinha que tinha ali, de um espaço de proteção simples e seguro, vida sem medo, com um pouco de fome as vezes, mas era compensador, estava tudo bem. Dormia com os pais, sempre com uma das perninhas jogada sobre um deles. Esse costume me seguiu na vida, precisando de um travesseiro para resolver até hoje essa forma anatômica de conforto. Meu gigante bebia muito, mas era passivo, lutava para suprir e a maioria das vezes não conseguia. Eu nem percebia isso na época, não entendia, mas meu gigante estava ali e essa família sobrevivia ou corria para casa dos avós e ali nem sempre foi o melhor lugar para guardar a menininha.

Era muito bom e brincávamos muito, pulávamos da cama em cama, nas camas dos dois irmãos, éramos todos pequenos. Nesse pula, pula, cai de queixo na parte da madeira e feriu bastante e foi um chororô e correria para vizinhança pedindo ajuda, naquele tempo ninguém tinha a bolsa de primeiros socorros em casa, mas sangue estancado, vidinha de brincadeiras que segue.

Uma cena marcante, tinha muitos gatos, muitos gatos de ninguém, uma mulher pegava pelas duas perninhas e batia contra a árvore, crianças em choro pelos bichinhos mortos tão brutalmente. Quanto horror diante de todos.

Voltar aos avôs, era as experiências das árvores frutíferas para subir e comer ali mesmo, poncã, laranja, jabuticaba, manga, coquinho. Plantava abacaxi, tinha colmeia e favos pingando mel